

REDACTOR PRINCIPAL
Alexandre Vieira
EDITOR
Joaquim Cardoso
 Propriedade da União Operária Nacional
 Officina de Impressão — R. da Amélia, 104
 (Formulário da lei que regula a liberdade de imprensa)

Redacção e administração — Calçada do Combro, 28-A, 2.
 End. telegr.: Talhada — Lisboa • Telefones: 2

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — FOLHA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

EMQUANTO É TEMPO

O artigo *Organizemos a Revolução*, publicado na *Batalha* e assinado por Adolfo de Moraes, tem todas as qualidades para o recomendarmos à meditação de quantos o tenham lido: é oportuno, diz quanto é preciso dizer-se e encara o problema, a meu ver, como ele deve ser encarado.

Porque penso assim há muito tempo e assim me tenho manifestado, não posso deixar de dar a minha adesão às ideias nele expostas e insistir, mais uma vez, na necessidade de se estudar, emquanto é tempo, a situação nos seus vários aspectos e procurar o caminho a seguir que melhor sirva o ideal.

Tem sido, até agora, infructíferas as tentativas que se têm feito para organizar aquele estudo, não havendo maneira de se iniciarem ou continuarem discussões amigáveis, serenas, sobre o que se deve fazer, aparecendo sempre ou tais divergências ou tanta indiferença, que tudo fica sem efeito, tudo fica na mesma.

Será Adolfo de Moraes mais feliz e conseguirá ele despertar, com o seu artigo, o necessário interesse, de forma que se procure realizar, a sério, o que pregará? Talvez isso aconteça, ou porque com o tempo mudam as coisas ou porque a questão seja mais bem exposta ou por quaisquer outros motivos que para a solução pouco ou nada importam; e neste caso só há que nos felicitemos por isso.

O ponto fundamental do artigo de A. de Moraes é a distinção feita entre países bem ou mal preparados para a obra revolucionária construtiva, a consequente necessidade de colocar Portugal numa das duas categorias e a fatal conclusão a que se chega de o colocar na categoria dos mais mal preparados.

Esta verificação resulta que, se o ideal é o mesmo, se o fim a atingir é idêntico, os meios a empregar, os caminhos a percorrer, a orientação a seguir tem de ser diferentes, se não se quiser fazer obra às cegas, mal adaptada ao fim em vista e destinada, por isso mesmo, a produzir resultados contraproducentes.

A. de Moraes conclui o seu artigo formulando as três necessidades que temos de satisfazer, para estabelecermos as condições necessárias ao bom êxito da revolução. Se bem interprete as palavras de A. de Moraes, creio que desejamos o mesmo, pelo menos nas linhas gerais, visto que continuo a considerar condições necessárias para a revolução:

- 1.ª Haver uma minoria que saiba o que se deve fazer;
- 2.ª Haver, por parte da massa popular, a preparação necessária para a aceitação da obra daquela minoria;
- 3.ª Condições económicas e políticas em que se apoia a dita obra.

Sem estas condições não creio que se possa fazer coisa capaz e por isso repito o que sempre tenho dito e que concorda com o que diz A. de Moraes: o que não está feito tem de fazer-se, porque o que se fizer, por pouco que seja, vale mais que nada.

Mas há quem entenda que esta preparação é desnecessária, ou porque está feita ou porque se conta com o poder da intuição da massa popular, a qual, sacudida por um grande abalo e posta à vontade, arranja as coisas melhor que ninguém. Há quem entenda que aquela preparação seria inútil, mas que as coisas chegaram a ponto de já não valer a pena gastar com certos trabalhos o tempo que se deve empregar em obra

NOTAS & COMENTÁRIOS

Salários

O custo da vida em França, depois de iniciado o armistício, não subiu. Antes pelo contrário. Tem descido, embora com desesperadora lentidão, porque lá como cá é o acambramento que dá as cartas. Pois apesar disso, dia a dia se vão registando em França aumentos de salário. Agora são os impressores que conseguiram elevar um tanto as suas férias. Estes factos dão-se porque tendo a guerra feito piorar sensivelmente as condições da vida proletária mister é ir procurando remediá-las que mais não seja à primeira forma, até conseguir-se coisa melhor. Em Portugal há certos refastelados senhores que proclamam, à sobremaneira, estarem os salários dos trabalhadores por demais altos. Deixam escapar um arrotio, engolem mais um cálice de cognac, e assentam em que tem de fazer-se uns cortes nas férias operárias. E o operariado, a quem o dinheiro não chega, para o cognac e que só de fome poderá arrostar pensa de maneira oposta. Pensa que não pode dispensar aquela elevação de salários que lhe permita viver da forma que vivia antes da guerra. É uma pequena discordância que se trata. E para anulá-la, tratem os refastelados senhores de ir-se chegando ao régo.

Oftalmologia

Está em Lisboa um sábio oftalmologista francês, M. Lagrange, que ontem realizou uma conferência sobre temas da sua especialidade. Não fomos ouvir o doutor professor, mas nem por isso reputamos menos útil a sua vinda a Portugal, onde as moléstias da vista são generalizadas. Não conseguimos as chaves dos bichos debelá-las, de tal modo difícil sendo a cura que nem mesmo a competência de M. Lagrange será talvez capaz de arrancar, aos olhos das gentes superiores, as espessas ganhas que lhes obscurecem a visão.

Uma canonização

Vai ser canonizada Joana d'Arc, lêmos algures. De forma que a pastora visionária de Domrémy, recebendo agora tão alta consagração da Igreja, passa a designar-se Santa Joana d'Arc. A verdade sobre a vida e feitos da futura santa não está ainda satisfatoriamente averiguada, muitas sendo as versões que a seu respeito os historiadores consignam. Aqueles a cuja razão acreditar em milagres não repugna tem *La Pucelle* como uma enviada de Deus para zurrir os ingleses certa época, e é como se as tivéssemos visto as aparições divinas que induziram Joana d'Arc a largar seus rebanhos e empunhar a espada, sempre vencedora por celestes influências. Para outros trata-se apenas numa criatura com o sistema nervoso em mau uso, atreita a pesadelos nocturnos, vendo a luz do dia coisas sem realidade objectiva, fanática, cega, e alfin tornada mártir pelos ingleses. Pois vai ser canonizada — como canonizada foi aquela *Sainte Orléans* de que fala Anatole France, em *l'Île des Pingouins*.

Não mostre

Numa das igrejas evangélicas existentes em Lisboa deve efectuar-se hoje, ao que anuncia a imprensa, uma conferência de carácter eminentemente místico, subordinada a um tema não menos místico: *As coisas que Deus tem para mostrar-nos*. Aos devotos já Deus tem mostrado sobejamente os seus atributos, eles o dizem. Mas a modos que os não mostraram todos, a julgar pelo assunto da conferência aludida. Deus tem coisas que ainda ninguém viu, ricas coisas por certo, dada a proveniência. E se ele agora se dispõe a mostrá-las, caso é para os fiéis arregalarem o olho.

mais adequada ao precipitar dos acontecimentos?

Se assim é, resulta, me parece, nesta divergência de opiniões, a decência de se falar claramente, de nos entendermos definitivamente sobre a situação. Para quê? Para cada um saber o que há de fazer, que atitude tomar, para fixar bem essa atitude e responder por ela, mas só por ela, sem glória nem responsabilidades que lhe não caibam.

No momento a que chegámos, com o desenrolar dos acontecimentos pela Europa, sem se poder prever seja o que for, nada sendo provável e tudo sendo possível, impõe-se, fixar-se, de vez, uma linha de conduta, uma orientação definida, perante a qual, uma vez bem assente, cada um tome a atitude que entender.

Quem há que não tenha a ganhar com isto? Em que é que isto pode prejudicar o que houver a fazer, seja o que for, para a revolução?

E se só há vantagem em que isto se faça, porque não se há de fazer desde já, emquanto é tempo?

Emílio Costa

Meios de transporte

O sr. Ezequiel de Campos confia á "A Batalha" as suas ideias sobre a intensificação da produção agrícola

O tema é agora o desenvolvimento rápido da viação pelos processos rendosos de construção e sua exploração em serviço económico e proveitoso, bem como o estímulo aos estaleiros navais portugueses de construção seriada. O nosso illustre entrevistado começa por colocar o problema nestes termos:

«Obtidas as circunstâncias primordiais da produção económica e equilibrada, num arranjo social útil a todos, a terra agrícola e florestal a produzir os alimentos e matérias primas fundamentais para consumo e para uma larga exportação e a energia barata permitindo a remodelação industrial e a obtenção dos meios necessários para a agricultura e para a indústria restante, é necessário em paralelo adaptar os meios de transporte à vida moderna».

A viação, que só por si não produz valores, deve acompanhar o desenvolvimento agrícola e industrial. Precisa de empreços os maquinismos e os processos rendosos de construção e exploração.

As estradas e os caminhos de ferro, mais convenientes é necessário fazê-los com ferramenta moderna, em trabalho rendoso, aliás nem virão depressa, nem poderão dar tarifas baratas, porque custarão rios de dinheiro... que não há. Não há medo de crises de trabalho pelo emprego de processos e maquinismos de grande rendimento: a terra agrícola e florestal e todo o reesturdo da indústria darão serviço a toda a gente, até aos delinquentes, desde que o trabalho e as obras apareçam lucrativas a quem as manda fazer, com a organização actual da nossa actividade e que tendemos cada vez mais para uma crise de trabalho, porque a carestia de tudo acarreta o retraimento, que a invasão do artigo estrangeiro completará. O problema maior do nosso trabalho não é o barateamento do salário para embatecer a vida, mas sim o aumento da produção com os mesmos factores naturais e processos mais rendosos, para haver maior abundância de produtos baratos e da mesma qualidade (ou melhor) no número dos indispensáveis à vida.

A construção das estradas e dos caminhos de ferro, bem como a de todas as obras em que é necessário mover terras e cortar rocha, exige o emprego de ferramentas modernas, especialmente escavadoras e perfuradoras, bem como o emprego de comboios de tracção mecânica em linhas especiais; o emprego de britadeiras e betoneras, de difusores, compressores, de transportadores, etc. Nós caminhamos mais ou menos a par com os povos avançados na redução das horas de serviço e na alta dos salários; mas para manter as condições de vida não fizemos como eles o aumento da eficiência do esforço, não melhoramos o rendimento do trabalho pela adopção dos maquinismos aperfeiçoados e pela educação técnica do trabalho fabril e da direcção industrial. O resultado é o nosso actual atraso nos processos de construir, de produzir e de transportar: parece que alguns dos nossos caminhos de ferro não poderão ser arrendados com lucro, tal é o enegao da sua exploração. Em alguns deles a velocidade mínima dos comboios e o rendimento insignificante deles em transportes contribuem acidentalmente para o enegamento da vida: o estrado, por exemplo, batizaria de preço se o Sul e Sueste transportasse o que tem pelas estações. O carro de bois vence o comboio na linha do Porto a Póvoa, onde é frequente um comboio levar 3 horas (e mais) quando devia levar no máximo uma hora na viagem.

Urge estudar por competentes o problema da nossa remodelação ferroviária: — convém electrificar alguns dos nossos caminhos de ferro? — convém arrendar um conjunto de linhas com um programa de acabamento e construção de outras?

Deixámo-nos atrasar tanto na indústria dos transportes ferroviários que hoje estamos em frente de um problema de muito difícil solução financeira, posto já de parte as dificuldades técnicas da nossa remodelação de material e do acabamento das linhas mais necessárias.

Uma guerra não permitiria (vá a culpa para a guerra) reparar e adquirir o material de tracção e circulante das nossas vias férreas: hoje a maior parte dele está quasi sucata; e como a energia pelo carvão ficará sempre cara, é chegado o momento de saber, com exactidão se não é mais conveniente electrificar as linhas que tinham o trem uma tonalidade notável de mercedarias e um número importante de passageiros a transportar. As condições clássicas da electrificação conveniente foram profundamente alteradas pela carestia da tracção: urge estudar, se ainda não está isso

feito, como deve ser melhorada (se ainda para vapor, se já para electricidade) a tracção dos nossos caminhos de ferro de maior tráfego.

Morreram também na discussão os caminhos de ferro do Alto Minho; outras linhas tão fundamentais jazem no esquecimento. Urge chamar a atenção dos governos para eles, e lembrar a conveniência de novas bases técnicas em harmonia com as novas condições de vida.

Não está bem (deixemo-nos de eufemismos) não está bem a nossa exploração dos caminhos de ferro de via larga: é necessário fazer uma harmonia maior dos seus interesses para o interesse da Nação. Minho e Douro, Norte e Leste, e Sul e Sueste carecem de remodelações profundas no material e na organização e entendimentos. Não basta conseguir que os comboios andem melhor e que transportem a gente e as mercadorias mais a tempo e mais barato: é urgentíssimo pô-los em sistema rendoso, de vantagem nacional nos transportes.

Precisamos de uma frota comercial portuguesa que nos dê os fretes tão baratos como os navios estrangeiros. Só a construção por série, e com maquinaria e organização científica, pode resolver este problema de largo alcance.

Nós, povo de antigos navegadores, quasi não temos navios. A guerra veio acordar a velha indústria das construções navais, mas não fomos pedir a vida moderna nem as máquinas nem a organização científica dos estaleiros, pois é da pura idade média o modo de trabalhar dos estaleiros portugueses. O resultado foi que os primeiros navios se venderam por preços elevadíssimos; que os salários e as madeiras, como as ferramentas, subiram para custos muito altos; e agora, finda a guerra, os nossos navios ficam muito caros e não poderão competir com os dos estaleiros apetrechados à moderna.

A baixa de fretes que está a dar-se e continuará a dar-se vai obrigar a fechar alguns dos nossos estaleiros, se não todos aqueles que trabalham à idade média, o que provocará uma crise de trabalho de carpintaria. Portugal pode muito bem, pelos seus recursos de madeiras, tomar um desenvolvimento notável na indústria das construções navais; contudo que modernize o bastante a maquinaria e a instalação dos estaleiros, e tenha nestes uma organização económica e seriada na produção; os desperdícios de madeira dos estaleiros, além de movimentarem as máquinas por motores de gás pobre, podem ser aproveitados para a construção de barcos menores, também em série, para caixas de embarque de géneros e mais usos de madeira em pequenas dimensões, para facho das construções civis, e para pasta de papel (nos sítios onde não houvesse boas condições de fabrico da pasta mecânica, poder-se-ia fazer a destilação dos desperdícios com aproveitamento da maioria dos subprodutos: creosota, alcatrão, ácido acético, etc.).

Foi uma imprevidência não ter a governação obrigado logo de entrada a instalação dos estaleiros portugueses com aparelhos mecânicos de corte e furção das madeiras que levavam a construção seriada dos navios. Bem sabemos que não havia oficinas hidro-elétricas que dessem a energia para os estaleiros; mas o aproveitamento de todos os desperdícios da madeira dava para movimentar todas as máquinas por motores de gás pobre, com superabundância de energia eléctrica.

Precisamos de estudar a maneira de satisfazer as nossas necessidades todas com os recursos nacionais, em vez de estarmos a privar-nos das comodidades da vida — o que só nos traz maior decadência.

As indústrias acessórias das construções navais também não foram instaladas: o fabrico do cordame, o melhor aproveitamento das resinas para o calafeto, etc.

E a propósito, lembremos que tendo o Estado umas centenas de quilómetros de linhas férreas, quando se viu em risco de não ter, como não teve, creosota de importação, não se lembrou de instalar uma destilação de madeira que lhe desse o material para a creosota e dispêndio pouco de travessas, com graves transformos para a exploração, que não de continuar a sentir-se.

Faltou a gasolina: teria sido viável gerar muitos dos nossos pinheiros, para a extracção da essência de terebentina, e produzir muito álcool industrial da batata doce, que tão bem se dá nos pliocenos do Sul, e da beterraba-sacarina, para com estes materiais obter um combustível aceitável para os automóveis e mais veículos de explosão.

Na linha de fogo

O novo governo

Está no poder um governo novo. Respiado aqui e ali nos partidos constituídos, não é contudo um ministério chancelado oficialmente pelas organizações políticas. Os partidos não podem mais governar, nem são, nem conjugar-se em lutas íntimas, ganhradas de crises, entredesbordando-se de ódios, rivalidades e ambições, não há hoje em Portugal governo algum partidário ou dos partidos saídos, que possa impôr-se, estabelecer-se, fazer a obra que é preciso, a obra de que tanto se carece. Restam pois os homens — só os homens — dissociados das grandes correntes agremiativas, das fortes comunidades de ideias, de crenças e de sentimentos, onde se vão buscar estímulos, onde se geram e criam raízes os talentos, as energias que dão o ímpeto e a vitória; e a ninguém passa despercebido quanto é precária a situação dum governo que se apresenta assim no vácuo.

Há o recurso da opinião, terreno fraco e movel, apoio instável e oscilante, de que um governo não está seguro, com que ele não pode contar nunca. Neste momento, porém, forçoso é reconhecerlo, a opinião pública, numa unanimidade excepcional que raras vezes se produz — que é bem o sintoma duma hora grave que se aproxima — a opinião pública reflecte a preocupação máxima de todos, o desejo expresso de toda a gente, que é entrar-se prudentemente numa política de concessões, ir ao encontro dos proletários, descarregar o fardo que se acumula e evitar uma catástrofe. Reformas, reformas sociais, amplias reformas sociais, eis o que se pede de alto a baixo da sociedade, da revolução, do clero, do conservadorismo, do mais retrito. Pede-as o proletariado, preferindo obtê-las pacificamente a arrastá-las pela força. Pede-as o conservador, preferindo dar alguma coisa — pouco que seja — a ter de perder tudo na revolução.

Até que ponto vão, porém, as exigências dos operários? Isto preocupa muita gente, talvez o próprio governo que hesita entrar no caminho das concessões, receando não vir impôr-lhe a expropriação dos burgueses, a socialização das riquezas, numa palavra, o bolchevismo. Descansem, não pretendemos que nos façam a Revolução. Isso fica por nossa conta. Queremos apenas que se resolvam certos problemas que, embora de ordem social, não ultrapassem os limites das concessões democráticas compatíveis com o regime. Foi isto sempre o que pedimos sem jamais nos atenderem. E se isto o que se quer, que outra coisa não, abtemos nem temos gesto para pedir.

Se a classe operária defende a República e arrisca as vezes a vida por ela, não é na mira de lugares vagos — lá entre os políticos é que se disputam os despojos das batalhas. Os operários que nos dias de perigo correm a bater-se pelo regime não se apresentam na Arcada com a espingarda ainda fumegante numa mão e a petição de emprego na outra. Do lado de cá não se defende a República pelos interesses, a uma mesa donde outros vão ser esbarrados. Reclama-se, sem dúvida. Mas exigentes talvez, mas menos egoístas do que certos.

A classe operária não pede vorazmente — postas, reclama de facto alguma coisa mais nobre, mais altruista e contudo bem simples, exige para todos os que trabalham, e que sofrem, condições humanas de viver. Quem se bate, bate-se para que a vida custe menos, para que haja mais pão e mais justiça, bate-se para que se caminhe, para que se avance e a cada passo dado em frente se rasque um horizonte mais largo.

Entende o governo bem isto? Temos razões para orlo.

O novo governo, gente moca e aguerrida, desempoeirada e vendo claro, vai de facto marcar, se não me engano, uma época nova na política. O discurso do ministro das finanças no acto da posse da sua pasta, afóra pontos de vista errados, deu-nos algumas impressões e supô-nos o sinagro no que afirmou. Está então o governo disposto a enveredar por um novo caminho, que não é o melhor, mas o único que, a prudência aconselha? Não lhe negarei o meu aplauso.

Há de encontrar dificuldades, esbarrar na inveja e no despeito, sofrer ataques dos lezados; não de empecilho intrigas, embaraço-lhe a mão, desde o obstruccionismo a tudo á arruagem chifrreira. Mas não se dobre, não transija. Conte o governo com os de baixo, firme-se nos braços dos que trabalham, não hesite e é ir para diante. Cede aos berreiros do alto, aos vis interesses feridos? Requear é ser traído. Mas não trepide, não vacile. Venha até ao povo operário, arme-o mesmo se for preciso, que uma coisa eu lhe garantio, é que a monarquia não proclama ele. Disse este o governo certo.

Manuel Ribeiro

O problema ainda continua posto ao engenho da nossa gente, pois que é necessária muita gasolina de fabrico nacional para a remodelação da nossa agricultura.

Chamar, pois, a atenção para os nossos problemas dos transportes terrestres e marítimos é dever dos cidadãos conscientes, dos que proenram, no indispensável espírito de discussão serena, justa, tolerante, chegar à formação de ideias de verdadeira política, tendo por objecto o bem comum, os interesses nacionais.

Falecimento dum escritor brasileiro

RIO DE JANEIRO, 1. — Faleceu o escritor Melo de Moraes, Filho. — H.

Nova epidemia

Estamos em maré de doenças novas! Além das muitas ultimamente aparecidas, e estudadas, temos no *Avanti!*, de Milão, que há mais uma, de difusão rápida e universal, como a espanhola. Sintomas: despertar súbito após breves horas de sono profundo, expressão visívissima de terror, olhar fixo num ponto, desvaicamento, suores, pulsações fortes e aceleradas, pulso frequente, respiração fatigosa, tremor intenso pelo corpo todo.

Um redactor do *Avanti!* visitou uma casa destinada à hospitalização dos atacados. Instalações luxuosas, pois que, valha-nos isso, ao menos — esta epidemia prefere as classes abastadas. Tal era o tremor dos doentes, que tudo tremia: as camas, o pavimento, os móveis, as paredes, tudo! Tudo oscilava, tudo dansava, tudo parecia prestes a desabar, como sacudido por um tremor de terra.

Particular estranho: a doença é caracterizada por um grande horror a certas palavras. O jornalista em questão releu um incidente curioso. A fim de distrair os doentes, um conferente fazia uma preleção de astronomia. Explicado o movimento de rotação dos planetas o prelector disse: «E agora, meus senhores, passemos ao movimento da revolução...». Foi um pavor! Gritos lancinantes, correrias destinadas, doentes que se precipitavam do leito, outros que saltavam pela janela, enfim: um horror!

Entretanto, um deles, que se contorcia com dores, apertando as mãos na barriga (pois a doença toma amêlides formas intestinais), ousou responder a uma pergunta do repórter:

«Sinto cá dentro a revolução». Por causa dessa forma intestinal muito frequente e por ter vindo da Rússia, o povo, na sua linguagem pitoresca e pouco cerimoniosa, chama à doença «cagaço russo». O nome científico, porém, de origem grego-eslava, é *Lemnifolia* ou *bolchevofolia*.

Os leitores não conhecerão por acaso algum remédio contra este mal? Seria uma grande obra humanitária.

A convulsão europeia

NA ROMENIA

BASILEIA, 30. — O bureau da imprensa romêna de Berne, recebeu o seguinte comunicado do estado maior:

«Um grupo romeno, em união com os franceses na orla esquerda do Dniester, foi aniquilado, encontrando-se as forças bolchevistas na região de Majavilaska. O comando francês pediu a intervenção das tropas romênas na região a este do Dniester, tendo esta avançado até Siaspol e Rasdenaja».

NA HUNGRIA

AMSTERDAM, 30. — Dizem de Berlim que uma deputação do oeste da Hungria chegou a Viena, comunicando ao secretário de Estado a invasão do oeste da Hungria pelas tropas comunistas.

NA ALEMANHA

AMSTERDAM, 30. — Dizem de Berlim que o movimento bolchevista se estende, sobretudo entre os soldados. Foram detidos mais de 200 soldados, tendo sido fusilados alguns.

O novo ministério

Devem tomar hoje posse das pastas de ministros dos negócios estrangeiros o dr. Xavier da Silva e da marinha o dr. Macedo Pinto.

Para chefe do gabinete do novo ministro da marinha foi escolhido o capitão-tenente sr. Carvalho Crato, que já exercera igual cargo no ministério das colónias.

— Confirma-se a notícia que ontem correu de que o governo lançará um manifesto ao país, mostrando o que será a sua acção administrativa e defensiva da República.

— Tomou ontem posse do cargo de chefe do gabinete do ministro do trabalho o sr. João Pereira de Macedo.

Conselho Jurídico

Estão marcadas para as quintas-feiras as consultas ao advogado do Conselho Jurídico da U. O. N. Hoje, porém, não terão lugar porque o nosso amigo dr. Sobral de Campos vai a Vendas Novas em serviço da sua profissão. Ficam, pois, transferidas para amanhã, às 21 horas.

Tribunal dos Arbitros Avidores

Tomou ontem posse, pelas 14 horas, do cargo de juiz presidente do Tribunal dos Arbitros Avidores, que se achava sem funcionar há muito tempo, o dr. Filipe da Silva Mendes, realizando-se já na próxima segunda-feira, pelas 13 horas, as audiências de conciliações.

ATÉ NAS BALEARES!

Uma greve de pedreiros, carpinteiros e metalúrgicos

PALMA DE MALLORCA (BALEARES), 1. — Um grupo de pedreiros e carpinteiros abandonaram o trabalho, estendendo-se a greve aos metalúrgicos. Foi distribuído um manifesto pelo comité secreto operário, aconselhando calma aos operários, a fim de evitar o choque com a força armada. — H.

VIDA CARA E DIFÍCIL

O PEIXE

Municipalização da pesca e venda de peixe ao público

O vereador do pelouro das subsistências propoz à comissão administrativa da Câmara Municipal de Lisboa, um projecto de municipalização da pesca que fez preceder de um relatório justificativo, a que damos publicidade:

A municipalização dos serviços públicos, é hoje a tendência manifestada em todas as grandes cidades, e mesmo vilas, de todos os países onde se compreende o seu sentido com intensidade a vida moderna.

É certo que a organização municipal, que neste momento perdura em vários países, se resente das suas bases estruturais, estreitas e acanhadas, que a não deixa manifestar-se pujantemente, tanto quanto seria para desfrutar em benefício dos municípios.

Uma nova orientação social se impõe à vida dos municípios integrando-os largamente na vida das sociedades modernas que aspiram a viver mais amplamente, assimilando em todos os seus múltiplos aspectos, o sentir dos povos.

A vida dos municípios, através de tempos imemoriais, constituiu o agregado, a base sedimentar das nacionalidades, criando tipos étnicos, que evoluíram determinando formações políticas, povos, mais ou menos estreitamente ligados por laços indissolúveis duma linguagem e costumes comuns.

Tempo é já, pois, de os municípios interpretar as tendências colectivistas dos povos, cada vez mais fortes, que coisa alguma poderá deter na sua marcha impetuosa, que tudo destrua, se a tempo não houverem espíritos previsores, que com medidas salutaras se antepõem à sua passagem.

Além do resultado prático dessas medidas, que se podem considerar de segurança social, constituirão os primórdios, ou esboço, duma sociedade estrutural mais perfeita que a actual, identificada com o sentir dos povos.

A municipalização dos serviços públicos, vem dum modo seguro e absoluto, aumentar o património social dos municípios, como prestar aos municípios mais pobres um valioso auxílio na sua difícil vida económica reduzindo-lhes os encargos, que hoje muito facilmente suportam.

No dia em que os municípios fornecem aos seus municípios o pão, a carne, o peixe, a água, a luz, a habitação, os meios de transporte, a instrução, a educação social e intelectual como cidadãos e até, em muitos casos, o trabalho, os municípios terão cumprido, o mais amplamente possível, a sua missão.

Como não é possível, de uma só vez, cumprir tão vasto programa municipal, creio que por meio de tentativas de menor vulto, mas de efeitos seguros, se deve proceder desde já a ensaios municipais, a fim de habilitar a Câmara Municipal de Lisboa, no futuro, a cumprir tão auspicioso programa.

É óbvio que, para a execução desse programa, se carece de elementos com o indispensável poder de acção, fora de todas as coisas burocráticas que tudo entorpecem, que o resolvam com tino prático e assazido critério.

Os elementos de elite, que se reclamam para a realização de tão grandiosa tarefa, podem e devem ser recrutados tanto na Câmara Municipal como fora dela e constituírem um seguro penhor de benéficos resultados.

Como neste momento o fornecimento de peixe ao público se está fazendo por um preço excessivo, embora pareça haver tendências para o seu pareamento, parecia-nos conveniente que a Câmara Municipal de Lisboa iniciasse o cumprimento deste programa, começando pela municipalização da pesca, por meio de tentativas que podem ter resultados felizes, tanto para o município como para o público, logo que se observem todas as circunstâncias que deixem postas em relevo.

Eis em seguida as bases gerais do serviço da municipalização da pesca e venda de peixe ao público.

CAPÍTULO I — Sua organização

Art. 1.º A Câmara Municipal de Lisboa, deve por meio dum empréstimo contraído com a Caixa Geral de Depósitos, adquirir todo o material indispensável para o exercício da pesca como, sejam vapores, embarcações de qualquer outra natureza e os apetrechos necessários para exercer a indústria da pesca.

Art. 2.º Contratar pessoal devidamente habilitado para trabalhar nos vapores e outras embarcações de pesca, por meio de salário fixo e participação de lucros na venda de peixe.

CAPÍTULO II — Compra de material

Art. 3.º Compra dum vapor para pesca de arrasto, peixe grosso, com todos os apetrechos indispensáveis, 120.000\$000.

Consumo de carvão por dia de 24 horas. De oito a dez toneladas.

Consumo de oleos. E de 10\$000.

Consumo de gelo. E variável.

Consumo de água doce. Segundo a capacidade do vapor.

Dispendio com o pessoal. Mestre de pesca, 90\$000 mensais e 2 por cento a receita bruta.

Mestre de redes, 50\$000 mensais e 2 por cento sobre a receita bruta.

Contramestre, 40\$000 mensais e um quarto por cento sobre a receita bruta.

Pessoal do vapor de pesca, além dos já indicados. Seis com o ordenado fixo de 24\$000 mensais e 1 por cento sobre a receita bruta.

O comandante do vapor tem de ordenado 150\$000 mensais e a respectiva percentagem.

O custo de pesca para sardinha, 10\$000.

Redes de pesca e outros apetrechos, 10.000\$000.

Renda de armagem para depósito de redes, alcatrão e despesas várias, 5.000\$000.

O pessoal do barco de pesca de sardinha é de 60 a 70 homens.

Este pessoal, além do ordenado fixo, tem as percentagens de uso no exercício da pesca.

CAPÍTULO III — Da venda de peixe

Art. 4.º O peixe será vendido ao público por conta directa da Câmara Municipal, em todos os mercados municipais.

Art. 5.º O preço do peixe será regulado pelo custo da exploração da indústria da pesca a cargo da Câmara Municipal, deduzidas todas as despesas, ficando interessada a Câmara no lucro que previamente for estipulado.

Art. 6.º O peixe será vendido a peso por meio de uma tabela de preços, organizada segundo os tipos e espécies de peixe.

§ único. Com a organização desta tabela deve haver o mais metódico cuidado, a fim de se evitarem reclamações mais ou menos fundamentadas.

CAPÍTULO IV — Serviço técnicos

Art. 7.º Anexa à administração dos mercados municipais será criada uma repartição de serviços técnicos de pesca o venda de peixe, tendo a seu cargo as atribuições seguintes:

a) Inventariar todo o material de pesca existente, como providenciar para a sua conveniente reparação;

b) Organizar o cadastro do pessoal da repartição, embarcações de pesca e da venda nos mercados municipais;

c) Escriurar devidamente a receita e despesa do exercício da pesca, por intermédio da Câmara Municipal, de modo que, com a maior facilidade, possa ser verificada a sua exactidão.

CAPÍTULO V — Dos lucros

Art. 8.º Os lucros provenientes do exercício da pesca, por intermédio da Câmara Municipal, constituirão um fundo especial destinado à amortização do empréstimo contraído com a Caixa Geral de Depósitos.

Art. 9.º No caso de algumas Câmaras Municipais de vários pontos do país, requisitarem, para venda ao público, peixe fresco e salgado, a Câmara Municipal de Lisboa, a repartição anexa à administração dos mercados municipais resolverá o assunto.

O PÃO

A Nova Companhia Nacional de Moagem obriga os seus empregados a roubarem o público

Sr. redactor — Para esclarecimento do povo da capital, peço a v. se digne reservar um cantinho do seu jornal para o seguinte facto:

No jornal de Notícias de ontem vem, na segunda página, sobre o título «Esclarecendo o público», da Nova Companhia Nacional de Moagem, que não é mais que uma pouca de poeira nos olhos do povo. Sem vejamos: Não sou técnico em farinhas, mas sei o que como. As farinhas já não têm o diagrama estipulado na lei. Os fiscais da Companhia percorrem as padarias recomendando aos caixeiros que queiram o pão nas condições do decreto e que seja vendido ao público com o peso legal, na certeza, porém, de que a Companhia não recebe multas. Isto é hoje. Amanhã vem o mesmo fiscal e diz aos padeiros e empregados do balcão:

— Vocês arranjem-se como puderem, roubem como melhor entenderem, na certeza de que a Companhia quer o seu escritório a quantia de 30\$000 por cada saca de 100 quilos de farinha.

Ora se a média é de 27\$000, pouco mais ou menos, como é que o empregado pode entregar o que a Companhia exige? Do seu ordenado não vai pôr, com certeza, pois que apenas ganha os 30\$000 mensais, que mal chegam para se alimentar, apesar de ter o pão de graça.

Se o empregado não cumpre as instruções da Companhia, é posto na rua como mau funcionário, pois que logo aparece outro que o substitua. Neste caso, o que faz o empregado? Rouba o pão sem do nem consciência, para assim ter o seu emprego.

O pão vem em massa para pesar mais e ao peso... só por gosto. Desta maneira é o povo roubado no peso (no dinheiro) e fica envenenado com a massa que ingere.

O descaramento é tal, que chegam a passar o pão de umas para outras padarias, sem ser pesado, exigindo o pagamento como se o fosse. Isto é sobre a farinha de 2.º Na de 1.º que o seu valor em média deve ser 47\$000 exigem 50 e 52 escudos por cada 100 quilos. Tudo o que digo é constante, além de que vejo em parte e me é afirmado por diversos empregados de balcão.

Depois de tudo quanto fica dito, ainda vem a Companhia apregoar aos seus ventos, a sua grande honestidade.

A Companhia só manda fiscalizar os seus interesses.

E quem fiscaliza a Companhia? ninguém, pois que pelo povo ninguém olha e ninguém quer saber.

Pois ao governo é que compete e para o qual peço a v. chame a atenção no seu jornal que sempre pugna pela justiça e pela razão. — De v. etc., Francisco Ribeiro Junior.

1.º de Maio

Realiza-se hoje no Grupo Dramático de Belem, cedido ao Pessoal da Cordoaria Nacional para este efeito, uma sessão de propaganda e de preparação para o começo do dia 1.º de Maio.

A sessão principia às 17 e meia, convidando-se a assistir a ela o pessoal do Arsenal e Cordoaria Nacional e o operariado em geral.

A BATALHA VIDA SINDICAL

COMUNICAÇÕES

União dos Sindicatos Operários
Reuniu a Comissão Administrativa, que apreciou diverso expediente, entre o qual as adesões a este organismo do sindicato dos Serradores de Construção Civil e Naval e dos Bagueteiros, Moldureiros e Vidraceiros e bem assim diversos officios, acreditando novos delegados a esta União.

Resolveu convidar os sindicatos que ainda não fazem parte desta União, a ingressarem o mais rapidamente possível, a fim de se organizar em bases sólidas toda a organização operária local, para que se possa tratar das questões profissionais e económicas que no momento actual nos surgem sobre todos os aspectos.

A Comissão Administrativa resolveu, em virtude de reunir hoje na sede, em reunião magna, a Federação da Construção Civil, transferir a conferência da camarada Manuel Joaquim de Souza, que hoje devia realizar-se, ficando transferida para quando se anunciar.

Federação da Construção Civil
A comissão que tem tratado da subvenção de 30 % para os operários do Estado, e que ontem teve uma entrevista com o ministro do comércio, convidando todos os operários do Estado a assistir a uma sessão magna que se realizará hoje, pelas 20 horas, na sede da Federação, a fim de se apreciar a resposta definitiva, dada pelo referido ministro. Espera a comissão que nenhum operário desta indústria, trabalhando nas obras do Estado, falte, para que depois não haja reclamações.

A mesma comissão, não tendo podido entrevistar ontem o ministro da guerra sobre a reclamação do feriado de 15 de Fevereiro, declara que o procurará hoje para tratar do assunto.

Caixeiros de Lisboa
Reuniu em 1, 6, 15, 20 e 23 de Março p. p. a direcção desta Associação eleita em 15 de Fevereiro p. p. Tomou conhecimento de todo o expediente, tomando as deliberações necessárias. Aprecia a situação financeira da Associação. Resolveu pedir a convocação da assembleia geral para o próximo dia 23 para, entre outros assuntos, submeter à apreciação da mesma várias propostas. Deliberou instar com o ministro do trabalho para que seja nomeado o presidente do tribunal dos Arbitros Avindores e avistar-se com a comissão administrativa da Câmara Municipal para que sejam nomeados o presidente e vice-presidente da comissão do Horário Comercial. Ainda outros assuntos puramente administrativos tem sido resolvidos, sendo também aprovados cinquenta e dois sócios.

União dos Sindicatos Municipais
Reuniu a assembleia geral para tratar da situação económica das classes em geral e da sua organização, nomeando: 1.º secretário, José de Almeida Ramos Junior; 2.º, José Nunes; presidente, Manuel Jorge. Resolveu efectuar nova reunião depois de amanhã, pelas 20 horas, para estudar uma moção apresentada pelo camarada Adelino S. sobre o salário mínimo e subvenção para todas as classes, assim como a situação dos reformados em face da carestia da vida.

Pessoal Assalariado de Depósitos e Fardamentos
A assembleia geral, reunida em 31 do p. p., aprovou por aclamação uma saldação, proposta pela direcção, a Batalha, tendo resolvido inscrever-se em 2 acções.

Foram eleitos os seguintes camaradas: Delegado efectivo à U. O. N., João dos Santos; adjunto, João Augusto dos Santos; delegado à U. S. O., António Santana Marques; adjunto, Amândio Augusto; delegado efectivo à U. A. E., João Manuel; adjunto, José dos Santos.

Foi também eleito para o cargo vago na comissão de representação official, o camarada Eduardo Augusto Serpa.

Federação da Indústria Mobiliária
Este organismo reuniu conjuntamente com os representantes dos carpinteiros e carpinteiros civis, continuando ocupando-se do recente decreto que permite a livre exportação de madeiras. Depois de minuciosamente analisado o pretexto, invocado para a promulgação do referido decreto, constata-se o obediência essa medida à satisfação de interesses prejudiciais ao fomento nacional e sobretudo aos operários desta indústria. Resolveu enviar nova representação ao governo, justificativa da proibição da exportação de madeiras.

Caso não seja satisfeita nesta pretensão, convocará para breve uma assembleia magna dos operários que trabalham em madeira, onde se resolverá o caminho a seguir em face dessa medida.

Operários Alfaiates
Reuniu a direcção deste sindicato, resolvendo pedir à mesa da assembleia geral, a convocação da mesma para segunda-feira, às 21 horas, para apresentação do relatório e contas da gerência.

Traçou também da forma como alguns industriais estão cumprindo as leis que regulam o horário de trabalho e os serões, resolvendo officiar a todos aqueles que se reconheça que os não cumprem e pedir a todos os associados que comuniquem à direcção as transgressões de que tenham conhecimento, para o que todas as noites, das 21 às 23 horas, se encontra na sede quem recebe essas comunicações.

Operários Manipuladores de Pão
Reuniram ontem os corpos gerentes, que expediram os avisos para a próxima assembleia, que devem ser entregues pelo correio em todas as padarias.

Descarregadores de Mar e Terra
Reuniu a assembleia geral para eleição dos corpos gerentes que ficaram assim constituídos: Direcção: presidente, Joaquim Tomé Lopes; tesoureiro, Manuel de Almeida; 1.º secretário, Artur Laro Rodrigues; 2.º secretário, Bernardino dos Santos; vogal, Alvaro Ferreira; Conselho fiscal: Manuel António, Germano, José de Almeida, João Justino, Carvalho.

Foi nomeado cobrador e fiscal da classe, o camarada Júlio da Anunciação. Por moção do camarada Joaquim Tomé Lopes foi resolvido que se adquirisse um standarte e que se protestasse contra a intervenção das forças aliadas na Rússia assim como contra as violências exercidas sobre os camaradas da Argentina.

Operários da Companhia das Águas
A comissão delegada do pessoal da Companhia das Águas, conferenciou ontem com o ministro do trabalho, resolvendo este que a questão fosse levada a conselho de ministros, devendo os operários, no caso do conselho não a tomar em consideração, proceder da forma que julgarem mais conveniente.

A comissão volta amanhã a conferenciar com o titular da pasta do trabalho.

Impressores tipográficos
Tomam hoje posse os corpos gerentes que foram eleitos no domingo passado. Não o fizeram ontem devido à não comparência da direcção que terminou o seu mandato.

Rogou-se aos eleitos a presença na sede social às 21 horas.

Operários Marceneiros
Na assembleia geral realizada na passada terça-feira foram aprovadas por unanimidade duas moções cujas conclusões são respectivamente as seguintes: 1.º, protestar contra a deportação dos presos por questões sociais e a sua longa permanência naquela infame prisão; 2.º, dar todo o apoio à U. O. N. no caso da falta de cumprimento à nota officiosa publicada em 4 de Maio, na passada terça-feira, a qual movimento pró libertação daqueles camaradas, organizado pela Central dos Sindicatos.

1.º Lavrar o seu protesto contra o decreto proibindo a exportação de madeiras tam prejudicial aos interesses da classe, e que só beneficia a criatura que tem enriquecido com a miséria que os trabalhadores em madeira.

2.º Dar todo o apoio à Federação no movimento encetado pró abolição da exportação de madeiras.

Estofadores e Decoradores
Reuniu ontem, em assembleia magna, esta classe, com numerosa concorrência, sendo resolvido pedir aos industriais o aumento de 50 centavos sobre o salário dos officiais, 30 centavos para as costureiras e 15 para os aprendizes, sendo nomeada uma comissão composta dos camaradas Jacinto do Nascimento, António Francisco Paulo, Luis Neves, António Lial, Alfredo Desirak, José Serras, Adelino Moreira, Alberto Fulgêncio, João Rocha, Alfredo Marques e António Silva, para dar andamento aos trabalhos.

Empregados de Fotografia
Reuniu hoje a assembleia geral, para se pronunciar sobre a fixação do salário mínimo e outros assuntos de grande interesse para a classe.

Pede-se a comparência de todos, mesmo os não associados, pois todos são igualmente interessados nos trabalhos a ventilar.

Os cursos de francês e espanhol, que abrirão no mês próximo, são dedicados a todos os gráficos, que se convidam, portanto, a inscrever na sede, travessa A'gua de Flor, 55.

Sindicato do pessoal da C. O. F. P.
Tomaram ontem posse os novos corpos gerentes, eleitos em 27 do mês passado, deliberando reunir todos os membros e as comissões de secção no dia 6, a fim de se trocarem impressões sobre trabalhos a encetar.

Litógrafos de Sul
Reuniu a direcção, tomando conhecimento das démarches efectuadas junto dos industriais Domingues e Lavradinho e E. Barrault, que foram coroados de êxito. Tomou, também conhecimento do cumprimento da lei que regula o trabalho na indústria gráfica, na casa Viúva Ferrão, sem que para isso lhe fosse feita qualquer reclamação.

Resolveu que, por este meio, fossem avisados os membros dos corpos gerentes que ainda não tomaram posse a fazer-lhe na próxima reunião de direcção.

CONVOCAÇÕES
Manipuladores de borracha
Reuniu hoje a assembleia geral para apresentação dos trabalhos da comissão de melhoramentos.

Associação da C. O. de Linda-a-Pastora
Reunem os corpos gerentes deste sindicato hoje, pelas 21 horas, para se tratar da realização de uma sessão de propaganda contra a carestia da vida, no dia 1.º de Maio.

Associação dos Empregados do Estado
Reuniu hoje, pelas 20 horas, a direcção desta Associação, Campo de Santa Clara, 87, 1.º

Pessoal da C. U. F.
Para tratar dos seus interesses foi, pela comissão, convidado o pessoal da C. U. F. a reunir, hoje, pelas 19 horas, na Associação dos Corticeiros do Barreiro.

Operários Colcheteiros
Reuniu em assembleia geral esta classe, amanhã, pelas 21 horas, para ultimar as tabelas das empreitadas.

Estivadores do Porto de Lisboa
Reunem hoje, em assembleia geral, para apresentação dos novos sócios e dos trabalhos realizados pela comissão ultimamente nomeada para tal fim. Nesta assembleia vão ser também nomeados os novos corpos gerentes.

Fabricantes e emissores de notas
O agente Correia, da 1.ª secção, a cargo do chefe Sarmiento, tem continuado nas suas diligências sobre o fabrico e passagem das notas falsas do Banco de Portugal e cédulas da Casa da Moeda, cujos falsificadores foram presos no Porto, caso de que damos larga notícia.

O referido agente interrogou ontem o preso Alfredo da Silva, fotógrafo, na Henriquez Nogueira, em Almada, que confessou ter fabricado em Lisboa cédulas de 10 centavos, tendo ditado ao João Góes, todo o expediente para a falsificação, logo que todos da prisão dos indivíduos do Porto.

Ferrovias do Sul e Sueste

A comissão que elaborou o decreto 5328 submete o seu trabalho à sanção dos seus camaradas de Évora.

ÉVORA, 31.—C. Na estação do caminho de ferro desta cidade realizou-se hoje uma sessão magna do pessoal ferroviário, promovida pela comissão que elaborou o decreto 5328 contendo as regras económicas para aquela classe.

Presidiu à sessão o ferroviário Adriano Bentes, chefe de estação, secretariado pelos camaradas, também ferroviários, Amaro e Salgueiro.

O camarada Jerónimo de Paiva expoz os trabalhos da comissão e as vantagens que o decreto trazia à classe ferroviária, sendo muito ovacionado, convidando qualquer camarada a apresentar as emendas que julgasse convenientes, a fim de que as omissões que, por acaso, continham o decreto desapareçam.

Propõem algumas emendas os ferroviários Carlos Costa, Godinho e outros, que, tomadas na devida consideração, serão pela comissão apresentadas ao governo.

Falou também sobre o decreto o camarada Entrudo Júnior, que terminou por declarar, a propósito da eleição para os novos corpos gerentes, que não aceitará nos mesmos cargo algum se o nome do camarada Jerónimo de Paiva não fosse votado.

Falando novamente, Jerónimo de Paiva produziu considerações dum alto significado moral e social e termina por afirmar que a não inclusão do seu nome nas listas agora distribuídas obedecia a propósitos reservados, pelo que, deixando à classe a liberdade de proceder como entender, não aceitará novos cargos à frente da classe se a votação que se vai realizar não lhe demonstrar completamente a vontade do pessoal a seu respeito.

Concedida a palavra ao camarada Miguel Corrêa, este, depois de explicar a razão porque ali se encontra e qual a missão de que vem encarregado, explicou a forma como se deve realizar a eleição para os novos corpos gerentes da associação. Fala sobre o movimento de 18 de Novembro, sobre a acção que lhe fizeram, terminando por afirmar a convicção em que está, de que um dia se fará justiça ao 18 de Novembro e às intuições dos seus dirigentes, produzindo em seguida largas considerações de ordem social, que a assembleia recebeu com aplauso.

Na mesa foi lido um telegrama do sr. Jorge Nunes, agradecendo as felicitações que telegraficamente o pessoal do Barreiro lhe enviara. Por fim foram aprovadas duas moções: uma aceitando o decreto e louvando o ministro que o sancionou e outra sobre a eleição dos corpos gerentes, em que o pessoal de Évora resolve votar para presidente da Associação de Classe no nome do camarada Jerónimo de Paiva, sendo ambas aprovadas por aclamação. Foi também resolvido passar um telegrama ao sr. Jorge Nunes, felicitando-o pela saída do decreto.

A sessão esteve muito concorrida. A comissão seguiu para Beja no comboio 32 e 2, de onde seguirá para Faro.

Subvenção de guerra e os funcionários públicos

Da Arcada mandam-nos a seguinte notícia:

O sr. Alfredo Lial, funcionário superior do ministério das finanças e director da Liga Republicana dos Funcionários Públicos e Administrativos, procurou ontem o presidente do ministério e ministro das finanças a quem significaram que aquela colectividade, em assembleia geral e por unanimidade, votara a autêntica moção de incondicional apoio ao actual governo, bem assim a declaração categorica de que é completamente alheia ao movimento que se vem fazendo sobre reclamações de subvenções de guerra, por de forma alguma desejar em um momento tão crítico e embaraçoso para a vida nacional, levantar quaisquer dificuldades à acção governativa, preocupada com graves problemas polícos e económicos. O ministro das finanças declarou que o não surpreendia, tão patriótica resolução, visto tratar-se de funcionários republicanos que sabem muito bem corresponder com o seu patriotismo e isenção ao que a pátria e a República deles exigem.

A nossa redacção vieram trazer-nos a seguinte comunicação:

A comissão de funcionários públicos e assalariados do Estado, que se tem preocupado de caracter político, se tem ocupado em obter dos poderes públicos uma indemnização para o funcionalismo, pelos transtornos que a guerra lhes acarretou, foi ontem recebida pelas 16 horas pelo Presidente da República, de quem foi solicitado o seu alto patrocínio na efectivação, não só desta aspiração como também daquela em que os funcionários públicos pedem para que a modesta subvenção que presentemente percebem seja englobada nos seus vencimentos.

O Presidente da República, que recebeu por uma forma altamente cortante a comissão, achou ser de grande justiça os pedidos, prometendo advogá-los com interesse, junto do Governo.

A comissão dirigiu-se em seguida ao ministério do interior, onde amavelmente foi atendida pelo dr. Vasco Borges, que a apresentou ao Presidente do Ministério, o qual usou das máximas deferências para com a mesma comissão, tratando-se impressões que a seu tempo serão expostas em reunião magna.

DEPOIS DA GUERRA

As reclamações da França
NEW YORK, 30.—(T. S. F.)—Do United Press.—As reclamações francesas aproximam-se da sua decisão, exigindo principalmente a linha Alsace-Lorraine para fins de defesa; não permitir que os alemães mantenham quartéis, fortes, tropas, armas ou máquinas de guerra de qualquer espécie na margem esquerda, e uma facha na margem direita.

Não se opõem a que Rhineland fique alemão, mas insistem que não haja o direito de se servir dela como ponto de partida para atacar a França.

O governo dos direitos de exploração do vale do Sarre, a continuação do desarmamento da Alemanha sob o domínio da Liga das Nações, a qual terá poderes para proceder imediatamente ao o convénio for violado. Retribuir integralmente todos os prejuízos sofridos pelas populações, indemnização das perdas da guerra, na mesma escala que os aliados impuserem.—H.

UMA LITOGRAFIA

Edição pelo sr. Ricardo Falcão, calçada do Combro, 91 a 93, recebemos quatro exemplares de uma litografia comemorando a intervenção da Portugal na grande guerra mundial, 1914-1918. A dedicação como recordação para a próxima festa a realizar no próximo dia 9 de abril em homenagem aos soldados portugueses.

Agradecemos.

Ultimas notícias

A AGITAÇÃO FRANCESA

A ameaça da Revolução Social em França

NEW YORK, 30.—(T. S. F.)—Do New York Sun.—Os jornais apolam para Clemenceau que apoie as reclamações francesas com toda a força. O mínimo das reclamações francesas é a desmilitarização da região do Reno, a posse do Vale carbonífero do Sarre, e um ajustamento satisfatório das reparações reclamadas, habilitando, assim, o país a encetar de novo a sua existência em circunstâncias razoavelmente equilibradas.

O Ego de Paris assevera que compensações na Ásia Menor não servem. O dia de hoje foi também crítico na câmara francesa, onde se votavam os créditos para as despesas correntes. Os socialistas ameaçam oporem-se à votação com o fundamento que os créditos vão ser empregados, em parte, para a expedição à Rússia, a qual se opõem violentamente.

Há quem acredite que o governo francês cairá dentro em pouco do agrado do governo britânico, mas os que vigiam mais de perto calculam que a câmara continuará, por enquanto, o seu apoio à sua política.

O que parece, porém, é que, dentro em pouco, haverá grande pressão sobre o governo, vinda de fora da Câmara, de uma organização recente e repentina das associações de classes mais poderosas que ameaçam exercer uma acção semelhante à campanha da Triple Alliance, na Inglaterra, mas avançando ainda mais, pelo aditamento de um programa em favor do surgimento de uma organização internacional do proletariado.

É claro que os jornais conservadores estão alarmados com esta nova fase. Os operários franceses, que, até agora, eram os menos bem organizados, surgem de repente como os melhores. Na reunião de ontem, as organizações planejaram uma manifestação para o 1.º de Maio.

Entretanto há um silêncio de um minuto ou de uma hora. Por todo o país greves tem lugar em várias associações, mostrando uma solidariedade notável.

O Tempo declara que tais processos, se os deixarem continuar, darão cabo do actual sistema governativo.—H.

O tratado da paz e a Hungria

NEW-YORK, 30 (Via T. S. F., Lyon, França). Do New-York Tribune.—Os americanos esperam ter, numa data não distante, os alemães em Versalles, para a apresentação das condições da paz, e todos os esforços se dirigem actualmente à obtenção desse fim.

Nesta conformidade, os americanos estão redigindo um tratado geral de paz, partindo do princípio que outras delegações estão fazendo o mesmo, visando ao fim da confrontação e a escolha de entre vários projectos oferecidos para a paz, a limitação da que se fez com respeito à Liga das Nações.

Oficialmente, sabemos que o projecto americano tem em vista a paz simultânea com todas as quatro potências contrárias, sendo claramente o desejo do Presidente—já que o tratado da paz inclui a Liga das Nações—trazer o maior número possível para dentro da Liga.

O projecto americano reflectirá, com a exactidão, as conclusões de Wilson, sobre todas as questões em discussão, e, integradamente, é aquele que tem mais probabilidades de ser aceite, afinal, por duas razões: a primeira porque os outros contem com Wilson para, na execução do seu projecto, misturar as cláusulas da Liga com as do Tratado, e a segunda, porque como o desenvolvimento do Mundo aumenta sempre, o poder dos Estados Unidos é decisivo na maior parte dos assuntos envolvidos. O Conselho dos Quatro não decidiu ainda a acção definida com respeito aos acontecimentos húngaros.

Os franceses anunciam que os bolchevistas húngaros portam-se de uma maneira relativamente regular embora haja um relatório official americano que o contradiz, citando factos que especificamente os accusam de confiscações das propriedades a semelhança do que se fez na Rússia.

O boato da declaração de guerra dos húngaros contra a Sérvia, é confirmado oficialmente e não produziu grande sensação. É notado que pouca importância teria a não ser que houvessem actos de hostilidade, porque o estado de guerra não tem existido entre a Hungria e a Sérvia. Os franceses anunciam a remessa de materiais de guerra e equipamentos em quantidade aos romenos.

DEPOIS DA GUERRA

As reclamações da França
NEW YORK, 30.—(T. S. F.)—Do United Press.—As reclamações francesas aproximam-se da sua decisão, exigindo principalmente a linha Alsace-Lorraine para fins de defesa; não permitir que os alemães mantenham quartéis, fortes, tropas, armas ou máquinas de guerra de qualquer espécie na margem esquerda, e uma facha na margem direita.

Não se opõem a que Rhineland fique alemão, mas insistem que não haja o direito de se servir dela como ponto de partida para atacar a França.

O governo dos direitos de exploração do vale do Sarre, a continuação do desarmamento

A EVASÃO

(EPISÓDIO GAUCHO)

O centro da pequena povoação, isto é, o que os libertados denominavam povoado, distava da cadeia um quilómetro ou pouco mais. E para o povoado, que começava já a inquietar-se, porque há notícias que vão nas asas do vento—tal era a da sublevação—marchou o bando de foragidos.

Resplandeciam-lhes de júbilo os rostos morenos. O ar puro e forte embriagava-os. Sentiam-se donos do mundo. E soltavam gritos, doidos de ar e de luz.

Amanhecia. A população, que despertava dum sono tranquilo, acolheu-os sobressaltada. Que seria dela? Todos os bandidos em liberdade? Que horror! Apoderou-se dela um pavor jamais sentido.

As mulheres corriam para o interior das casas, movidas por um sentimento instintivo que as levava a ocultar os filhos e os irmãos pequenos. Os homens, mesmo os mais valentes, sentiam uma angústia no coração, e não precisavam pelo receio do perigo, pessoal que surgia. O motivo era superior: a surpresa ante a invasão daqueles bárbaros armados, a impotência para defender as esposas, as irmãs, os filhos, todos os seres deuses, sempre confiados nas forças

cas varonis. Que haviam de fazer em face do inesperado?

E antes que a reflexão tivesse tempo para indicar um caminho qualquer, o mais escuro, o mais arriscado, o mais trágico, mas caminho enfim, o tropel infernal fez irrupção, mais do que ruidosa, estridente, nas ruas ainda sonolentas da pequena cidade.

Declaradas impotentes as forças policiais para subjugar os rebeldes, expuseram estes, clara e terminantemente, os seus desejos. Queriam cavalos e elementos para a longa viagem que iam empreender. Ou lhes davam no mesmo instante, ou eles arrasavam a povoação. No caso de serem satisfeitos as suas exigências, comprometiam-se a respeitar as vidas de todos.

Mas seria verdade? Aquelles terríveis bandidos, aquelas feras sem alma nem lei, muitas das quais tinham perdido até o aspecto humano, deformadas pela dor e pelo encarceramento, atravessariam as ruas da povoação indefesa sem deixar um único vestígio das garras sinistras, dos seus instintos perversos, da sua sede inextinguível de sangue fumeante? A convicção daquilo bem se penetrou nos corações atribulados

dos inermes habitantes, quando duas horas após a irrupção acenava de feras, armadas até aos dentes, se afastou a desfilada da povoação, que parecia despertar de um horroroso pesadelo.

XII

—E agora?

Um crioulo velho e ladino, com quasi trinta anos de prisão, teve uma ideia. Ao pé dum monte de areia, deteve o seu andarilho—um baio escuro; havia de jurar, como ele dizia, que era o cavalo do comissário, a avaliar pela pinta, nédio e de pelo lúzio. Os outros imitaram-no. Respirou forte. Lançou um olhar em roda, olhou para o céu e disse:

—O rumo é este.

E apontou para a direita com o cabo do rebenque.

—O rumo? Que rumo, velho?

E o velho, recém-desperto dum sonho de trinta anos:

—Qual há-de ser? O dos índios.

O velho forçado ignorava que as armas argentinas se tinham coberto de glória, limpando os campos ubérrimos de aborígenes rebeldes ou submissos.

—Estás a sonhar, velho! No país, os únicos índios que há são os carcereiros e os que vão sair atrás de nós, para nos espingardear.

—Deveras? Tens razão, irmão. Acordei agora. Continuemos o caminho.

E a coluna prosseguiu na sua marcha através das ondulações arenosas e das plantas espinhosas. Uma hora mais tarde, perdia-se ela no deserto.

XIII

O Antenor, o mais novo dos fugitivos, não falava agora. Ao compasso do galope do cavalo evocava o passado, meditando, ao mesmo tempo, sobre o seu destino.

Contava vinte e quatro anos. A sua juventude, se juventude fora, dividia-se em três períodos: o de criado ganadeiro, a lidar com cavalos semi-selvagens e vacas bravias lá no sul da província de Buenos Aires, seu lugar natal, ao mando dum feitor, ruim como uma dor, cuja figura lhe cruzava amida a imaginação como a de um dos seus mais cruéis inimigos; o de soldado da Pátria—um ano de serviço obrigatório, submetido a disciplina humilhante dos regulamentos militares; e os três anos de forçado, à sombra do cárcere infamante, acusado por um poder de um delito de que, em verdade, não era autor. Tinha sido ou não uma vida estupidada a dele? Curta, mas saborosa... E as lágrimas acudiram-lhe aos olhos em tropel, entumescendo-lhos de amargura. Quis retê-las para dissimular a sua fraqueza, mas não pôde. A torrente brotou, banhando-lhe o rosto moreno.

—Que é lá isso, chorinas?—exclamou um dos companheiros, homem feito, curtido pela dor, vendo deslizar pela cara do jovem gaúcho as lágrimas irreprimíveis. Não querem lá ver! Novo, livre e com a vida por diante, chorar assim! Eu, no teu lugar, rebentava a rir!

—Não posso—disse o Antenor, cortando um soluço.

Pois tens que poder, meu filho. Com força e ânimo, tudo se consegue—retrucou o companheiro curtido pela dor.—A vida é preciso atirar-lhe com risos.

—Tem razão, meu amigo. Mas agora desculpa-me.

—Estás desculpa. Desafoga-te pra aí, meu rapaz!

E continuaram a galopar, calados.

XIV

Dez dias de fuga. A coluna tinha-se dispersado. O Antenor e mais oito camaradas procuravam passar-se para o Chile. Tinham chegado a antecordilheira andina, estafados da caminhada e do mau tempo. Era de inverno e a neve caía, implacável, sobre os campos, cobrindo todos os caminhos. Acharam refúgio numa choça abandonada.

Enquanto descansavam, avançavam a largos passos as forças saídas em perseguição dos evadidos. Dispunham de mais elementos do que eles e havia algumas horas que iam quase a pisar-lhes os calcanhares... Para lhes dar caça, tinham-se pôsto em movimento trezentos soldados do exército e quarenta praças da polícia, servindo-se de comboios, automóveis e montadas magníficas. A região, o país inteiro vivia preocupado com a sorte dos presos em fuga. Dir-se-ia que só eles repousavam sossegados, depois das formidáveis jornadas até à choça miserável. Em todo o caso julgavam possível a segurança ali, enquanto persistissem as péssimas condições do tempo.

Mas os cães de guarda, feridos no seu amor-próprio profissional pela partida que lhes haviam pregado os presos, tinham pôsto na tarefa de perseguição todas as suas faculdades e utilizado com habilidade os elementos disponíveis. Mais um esforço, e o destacamento policial, composto de quarenta homens, rodeava a choçana onde dormiam, sonhando com a liberdade, o Antenor e os seus oito companheiros.

(Continua)

Alberto Ghiraldio

TEATROS & CINEMAS

RECLAMOS

É curioso escutar as opiniões formadas em torno da interpretação da ópera «O Amor Perfeito», adaptação de E. Rodrigues, P. Dermeval, J. Bastos, musicada com extraordinário gosto pelo ilustre maestro Venceslau Pinto, agora levada à scena no Politeama pela companhia Batelana-Amazônica. Não se dá um passo sem que se fale na graça que a orquestração tem conseguido ao descompartilhar... Não... Nestes pontos onde todos de acordo. A divergência é que uns queiram-na com mais actos, outros, com mais música e outros com ambas as coisas... É o equilíbrio da peça?

CARTAZ DO DIA

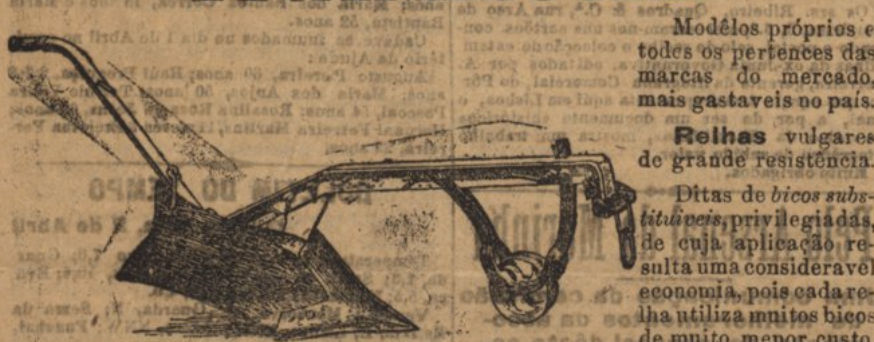
TRINDADE—A's 11—«Os Pirangos», peça de viagens.
GINASIO—A's 11—«O Rato Amal».
AVENIDA—A's 11—«A Sra. Magalhães».
APOLO—A's 11—«A primeira Magalhães».
POLITEAMA—A's 11—«O Amor Perfeito», ópera.
EDEN—A's 11—«Sete Estrelas», ópera.
FOZ—A's 11—«O Rato Amal».
LIMPIA—A's 11—«O Rato Amal».
CINEMA UNIDOS—A's 11—«O Rato Amal».
SALA DA TRINDADE—A's 11—«O Rato Amal».
CINEMA TEATRO—A's 11—«O Rato Amal».
CINEMA UNIDOS—A's 11—«O Rato Amal».

CHARRUAS as mais perfeitas

FABRICAÇÃO DE

E. DUARTE FERREIRA & FILHOS (Engenheiros)

TRAMAGAL



Modelos próprios e todos os perfences das marcas do mercado, mais gastáveis no país.

Relhas vulgares de grande resistência.

Ditas de bicos substituíveis, privilegiadas, de cuja aplicação resulta uma considerável economia, pois cada relha utiliza muitos bicos de muito menor custo.

NORAS para tirar água — PRENSAS para vinho — Instalações completas de LAGARES DE AZEITE

GRANDES OFICINAS E ESCRITÓRIO junto à estação do Caminho de Ferro do Tramagal

CAMISAS
a \$1750 e \$1850??
TODA EM ZEFIR, incluindo colarinho igual. Grande saída, venda a retalho e por grosso. Há igualmente um saldo de roupa para senhora.

FÁBRICA ELÉCTRICA
151, 1.ª R. da Madalena, 151, 1.ª
Tel. C. 3029

A SEMENTEIRA Publicação mensal de crítica e sociologia. — Por assinatura, 1 ano 36 centavos. Avulso, 3 centavos

Máquinas para entrega Imediata

Motores a gás pobre e gasolina
Locomóveis e debulhadoras
Máquinas e caldeiras de vapor
Serras sem-fim e circulares
Máquinas para carpintaria
Molinos e aparelhos para fabricas de moagem
Crivos Marot e tararas
Mós franceses de todas as dimensões
Cultivadores e semeadores
Tornos mecânicos, limadores e máquinas de furar
Acessórios para máquinas, óleos, correias e empunhas.

Edoardo Pinto de Sousa & C., L.
74, Rua 24 de Julho, 74-E
LISBOA

A BATALHA

DIÁRIO OPERÁRIO DA MANHÃ

Redacção e administração

CALÇADA DO COMBRO, 38-A-2.º

Lisboa — PORTUGAL

Endereço telegráfico — Talaba — LISBOA

ASSINATURAS

Pagamento rigorosamente adiantado

Lisboa: 1 mês, 500—Portugal, Ilhas, Colónias e Espanha, 3 meses, 1470; 6 meses, 3440; 1 ano, 6580. Territórios da União Postal: 6 meses, 5320; 1 ano, 10240.

Não se aceitam pedidos de assinatura que não venham acompanhados da respectiva importância. — A despesa da cobrança que tiver de ser feita pelo correio é aumentada ao preço da assinatura.

ANÚNCIOS

Recebem-se, bem como reclamos, avisos, comunicados e qualquer outra publicação idêntica, aos preços da tabela, na administração da Batalha, nas agências Havas, Bastos & Gonçalves, Americana, etc.

Comunicados e anúncios, quando contêm acusações a particulares ou relativos à vida privada seja de quem for, não se publicam, reservando-se o direito à administração de A Batalha de recusar anúncios ou qualquer outra matéria paga quando, por motivo de ordem moral, entendida dever recusar.

A cargo do anunciante o imposto de selo, 2 centavos

Acceptam-se anúncios de todo o país, ilhas, colónias e estrangeiro.

TABELA DE PUBLICIDADE

Artigos, reclamos e comunicados,
3.ª página, cada linha, 500
Na 4.ª página, 308
Anúncios por contrato, aditamentos especiais.

Bolsim de trabalho: anúncios até 2 linhas, por intermédio das associações ou seus indicados, procurando emprego, grati.

De Precisa-se trabalhadores ou empregados, 5 centavos cada linha.

Comunicados e anúncios de Associações, Cooperativas e outras organizações de carácter operário, preços especiais.

A marcação dos anúncios é feita pelo linótipo do corpo 6.

INTERNATO

Plano dos estudos aprovado pelo Governo

- (a) Instrução primária
- (b) Curso completo dos liceus
- (c) Curso teórico-prático de comércio
- (d) Música e piano
- (e) Ginástica

(Decreto de 29 de Agosto de 1905)

COLÉGIO LUSITANO

Instituto Primário, Secundário e Comercial

APROVADO PELO GOVERNO

PROPRIETÁRIO-DIRECTOR

JOSÉ NEGRÃO BUÍSEL

PORTIMÃO

O mais importante do Algarve

Chapelaria A SOCIAL

Grande sortimento em chapéus, lisos e mechas em cores lindíssimas, formados dos mais afamados fabricantes estrangeiros

GRANDE NOVIDADE

Chapéu mole, novo modelo americano, muito elegante, só na

Cooperativa dos Operários Chapelarios

A SOCIAL

Sede

31, RUA FERNANDES DA FONSECA, 33

SUCURSAIS

Rua dos Poiais de S. Bento, 74, 74-A
Rua do Corpo Santo, 20
Rua do Arco do Marquês de Alegrete, 56, 58

Chapéus de seda, oco, etc.

FÁBRICA DE BONETS

Chapéu modelo Jaurés (Exclusivo)

REUMATISMO

SEJA ele que qualidade for e antigo que seja, a sua cura é certíssima e em poucos dias pelo afamado Remédio São (composto de dois específicos, um para o uso externo e o outro para uso interno como depurativo), sentindo-se prontos alívios logo em seguida às primeiras vezes que se usar.

Preço (remédio completo) 25000 réis, pelo correio mais 150 réis, enviando-se para qualquer ponto da provincia a quem mandar a sua importância. Pedidos a Manuel A. F. Caldo & C., Largo do Corpo Santo, 20 e 22, Lisboa.

O tenor Romão Gonçalves e o grande

Licor Romanini

Grande parte dos cidadãos de Lisboa que tem bebido este excelente licor, estão prontos a afirmar que este é um dos melhores do mundo. Este licor, tendo um aroma que se conserva na boca durante algumas horas, sendo também peitoral. O tenor Romão, estando rouco, bebeu 3 calis deste licor e no dia seguinte estava completamente bom para cantar. É indispensável a cantores, actores, oradores e fumadores.

Fábrica de destilação a vapor

ALGÉS

Escritório para pedidos:

R. 1.ª de Dezembro, 34, 3.ª Frente

Propaganda social

Serie de folhetos em preparação

N.º 1

Necessidade da Associação

Por José Prat

Ao Trabalhador Indiferente

Por Pinto Quartin

Preço de cada 60 rs.

JESUS NA GUERRA

Novidade literaria da maior atualidade

A' venda em março Preço 50

Pedidos á EMPRESA EDITORA POPULAR

As mais interessantes teorias sociais

centavos 500 réis

Rua do Poco dos Negros, 79 a 83